



Entrevistas

pendor para o Oxípea

entrevista com

eliane robert moraes

Ana Carolina Sá Teles, Larissa Satico Ribeiro Higa, Juliana Caldas e Marcos de Campos Visnadi*

Há mais de três décadas, Eliane Robert Moraes se dedica aos estudos da sacanagem. Seu primeiro livro, em coautoria com Sandra Lapeiz, foi publicado em 1984 pela editora Brasiliense e, como os outros títulos da Coleção Primeiros Passos, buscava definir, em linguagem simples, um tema complexo: a pornografia. Esse trânsito entre a erudição e a comunicação ampla do conhecimento se tornou uma característica da vida profissional da pesquisadora, que desde então circulou por revistas científicas e diários de notícia, foi professora nos cursos de Filosofia e de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), falou sobre o modernismo brasileiro na Universidade de Nanterre, na França, e traduziu para o português a *História do olho*,

* Pós-graduandos em Literatura Brasileira pela USP e membros da comissão editorial da revista. E-mail para contato: opiniaes.comissao@gmail.com

do francês Georges Bataille. Este ano, Eliane dá continuidade à produção de livros iniciada com aquele *O que é pornografia*, de 1984, ao lançar pela Ateliê Editorial a *Antologia da poesia erótica brasileira*, organizada por ela e resultado de mais de dez anos de pesquisa entre o mais baixo que a alta literatura brasileira produziu, do século XVIII ao XXI. Nesta entrevista, a professora de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa do Brasil (CNPq) fala sobre sua formação acadêmica, as mudanças na universidade nas últimas décadas e as dificuldades e delícias de estudar o erotismo literário.

1) Sua trajetória profissional é marcada pela interdisciplinaridade: você se formou em Ciências Sociais, em Filosofia e hoje trabalha na Literatura. Como foi isso?

Acho que, ao falar dessas coisas, a gente dá um sentido para algo que, ao longo da nossa vida, parece ser dirigido pelo acaso. Ou seja, você cria uma narrativa depois. Seja como for, tenho consciência de que só trabalho com o que trabalho em função dessa errância, que foi movida por uma grande curiosidade e acabou permitindo que eu elegeisse um campo de estudos que era inesperado até para mim, pois não era um campo de estudos constituído, principalmente aqui no Brasil. Na época em que fui fazer Ciências Sociais, eu tinha dois interesses: gostava de Antropologia, interessava-me pela alteridade, pelo desconhecido; e tinha também a militância feminista. Aliás, nos anos 1970, o movimento feminista caminhava em paralelo à Antropologia, abordando a questão do feminino-masculino, dos papéis sociais... Ainda na graduação, eu ganhei junto com uma amiga uma bolsa da Fundação Ford, dada pela Fundação Carlos Chagas aqui de São Paulo, para estudos sobre mulher. Nossa proposta foi pesquisar os papéis sexuais na literatura, numa literatura mais erotizada. Fui ler, então, Cassandra Rios e Adelaide Carraro (sempre

tive um pendor pelo baixo...), que escreviam a literatura considerada pornográfica, proibida no regime militar, e isso chamava a atenção. Mas logo percebi que ali não havia qualidade literária, e resolvi dar um voo mais ousado: fui ler Sade. Fiquei impressionadíssima: como era possível alguém escrever aquilo? Isso me fez dar um passo atrás no feminismo, porque intuí que ler Sade com um olhar feminista não ia dar certo. Mas o feminismo foi muito importante para mim, porque me permitiu a ousadia de, sendo mulher, ler Sade e escrever sobre “essas coisas”. Na graduação, eu tinha feito um ou dois cursos com o Renato Janine Ribeiro [professor de Filosofia da USP]. Na época ele dava cursos geniais sobre literatura, *As mil e uma noites*, Stendhal... Quando terminei a graduação em Ciências Sociais, falei com ele que queria fazer mestrado sobre Sade e fui a primeira orientanda dele. A gente teve uma relação muito legal. Devo muito ao Renato: essa obsessão que eu tenho pela escrita, devo muito a ele, que sempre corrigiu muito os meus textos. Depois do mestrado, apresentei a ele um projeto de doutorado sobre autores que leram Sade e que problematizavam o corpo, o que deu no meu livro *O corpo impossível*. Foi quando prestei concurso para PUC, onde dei aula durante mais de duas décadas na Filosofia e no Jornalismo. Sempre trabalhei com Estética e Literatura, mas minha primeira vinculação profissional na área de Letras é aqui na USP. Trabalhei muito com literaturas de língua francesa, inglesa e outras, mas desde o início dos anos 2000 que ando mergulhada na literatura brasileira. É isso, esse *melting pot* que é a minha vida intelectual e acadêmica.

2) Hoje, por uma exigência institucional, uma pessoa que está começando na carreira acadêmica não tem essa possibilidade de transitar tanto, não?

Não sei bem... Eu mesma tenho vários orientandos que não cursaram Letras. Mas, na pós-graduação hoje,

sinto dois movimentos contrários. De um lado, ouço falar muito de interdisciplinaridade, transdisciplinaridade etc. No meu caso, ela foi informal, mas agora me parece que isso virou um campo específico, correndo o risco de ser engessado. De outro lado, me assustei um pouco quando, por três vezes, participei de bancas de concursos para contratar professor em outras instituições e verifiquei que, se eu estivesse lá como candidata, não poderia ter feito o concurso, porque era exigida graduação e pós-graduação na mesma área. Eu estava examinando os candidatos e não poderia nem ter me inscrito no concurso. É ridículo. A USP é particularmente aberta nesse sentido, porque nos nossos exames de seleção não temos essa restrição, mas não sei como andam as outras instituições. Eu acho uma pena, porque é uma aventura você ir descobrindo uma questão para estudar. De outro lado, acho que a errância dificulta um pouco a carreira. Mas aventura intelectual e carreira acadêmica nem sempre andam juntas mesmo!

3) E esse campo de estudos do erotismo é interdisciplinar, não? É difícil situá-lo numa área de conhecimento.

Eu estudo erótica literária. Para tanto, preciso entender o que é o erotismo, mas não estou formulando sobre o erotismo. Nem gostaria, porque a erótica literária já é um universo imenso, do qual eu estou longe de dar conta. Para compreender minimamente o erotismo, é preciso circular pelo campo da Filosofia, da Psicanálise, da Estética... O erotismo coloca questões que requeiram a ajuda do pensamento filosófico: a bestialização, a perda de si, a violência, o amor... A Filosofia me ajuda muito, mas na Psicanálise eu não mexo. A rigor, só posso não mexer porque conheço um pouco, e isso me permite insistir em dizer, como opção metodológica: eu trabalho com a erótica como fabulação, fantasia, não com conceitos psicanalíticos. Enfim, trata-se de opção metodológica, opção de fundo.

4) Mas o que você diria sobre a recepção da erótica literária no Brasil, se a gente pensar numa espécie de panorama? Como os autores foram lidos, principalmente no último século?

Para nós, das Letras, essa questão é muito complexa, porque se você fala em erótica literária, não está falando de uma língua, de uma literatura de língua inglesa ou francesa, por exemplo, não é isso. Não se está falando de um gênero também. O erotismo literário se encontra na poesia, na prosa, no romance, no conto, na novela, no soneto, no *haikai*, na epopeia etc. Então o problema da definição precede a questão da recepção. Pode-se falar de recepção de alguns livros e alguns autores, mas a erótica literária demanda antes de tudo uma definição. A definição com a qual eu trabalho, fui formulando com a ajuda dos próprios autores que estudo. Para mim a "erótica literária" não é um tema. É todo texto que pensa a partir do sexo e que faz do sexo um absoluto. A erótica literária é um modo de pensar por escrito. Se fosse a arte erótica, seria um modo de pensar pela imagem visual. No nosso caso, é um modo de pensar a partir do sexo, que sexualiza toda experiência humana, seja mobilizando palavras obscenas ou não. Isso não importa.

De forma geral, no Brasil – país que conheceu o jugo patriarcal e as restrições morais da Igreja Católica –, a aceitação de textos literários, de boa literatura, eróticos foi bem tardia e difícil. Vide o caso da Hilda Hilst que lançou o primeiro livro da trilogia em 1990, final do século XX, e teve uma recepção complicada.

5) Agora, na universidade, parece que se tem dado cada vez mais espaço para o erotismo e que hoje não se tem problema para estudar isso institucionalmente.

Eu nunca tive. Acho tão interessante, agora que está ocorrendo essa polêmica por causa da cátedra do

Foucault na PUC [Eliane se refere à recusa do Conselho Superior da Fundação São Paulo, entidade mantenedora da PUC-SP, em permitir a criação de uma cátedra dedicada a Michel Foucault no começo de 2015]. Eu fui estudiosa do Marquês de Sade quando dei aula lá. Acho que se estivesse na PUC hoje seria demitida numa canetada. Se Foucault parece subversivo, imagine Sade... Mas a verdade é que eu nunca encontrei nenhum empecilho lá ou onde quer que fosse, da ordem da censura. Dou aula desde os anos 1980 e acho que a universidade é um espaço razoavelmente aberto. A universidade é um espaço de liberdade do pensamento. Salvo engano...

6) A que você atribui esse boom da literatura erótica, sobretudo esse boom comercial? Você acha que isso dialoga com o aspecto social ou com o imaginário que se intensificou nos últimos anos?

No Brasil apareceram livros eróticos também de boa qualidade, de 1990 para cá. Acho que a Hilda Hilst, nesse sentido, demarca isso. O aparecimento da sua trilogia obscena ganhou um enorme espaço e hoje é também um lançamento comercial. Quer dizer, de lá para cá pudemos acompanhar o aparecimento de uma autora que fez uma excelente literatura erótica e que hoje, inclusive, está até vendendo. Mas há outros livros: *A casa dos budas ditosos*, do João Ubaldo, que gosto muito, o *Bundo*, do Waldo Motta, que é genial, o *Pornopopeia*, do Reinaldo Moraes, que é um grande livro; há diversas traduções de coisa boa; há autores que são um pouco marginais, mas estão aí produzindo, como Glauco Mattoso, Omar Khouri. Creio que a erótica literária ganhou visibilidade e há muita gente interessada. Eu participo de inúmeras bancas em vários lugares do país. A que isso se deve? A diversos fatores. Nós vivemos hoje um momento em que o discurso sobre o sexo está mais aberto. Devemos muito ao feminismo, aos movimentos LGBT,

às publicações todas – porque, bem ou mal, ainda que a gente continue dizendo que existe preconceito contra mulher, uma grande homofobia etc., esses discursos estão hoje tanto na TV quanto na universidade. Então, acho que isso esgarçou um pouco a limitação moral. De outro lado, cresceu também essa literatura comercial, mas ela sempre existiu, a pornografia comercial sempre existiu. O fenômeno novo é o aparecimento de uma pornografia comercial para mulheres, como o famigerado *Cinquenta tons de cinza* e seus congêneres. O boom de agora é pornografia para mulher.

7) A Adelaide Carraro não era para mulher?

Não. A Cassandra Rios era lésbica e fazia uma literatura lésbica. A Adelaide Carraro, eu tenho certeza, era uma autora para homens. A Cassandra eu não sei, mas fico pensando que, se o público da Cassandra fosse um público lésbico, deveria ser um negócio muito escondido. Eu penso que ela tinha também um público masculino, não sei. Pornografia sempre foi coisa de homem, a não ser essa mais recente, meio romântica, que está saindo agora.

8) Você disse que saiu um pouco dessa linha de estudos de gênero, mas já pensou nessas discussões contemporâneas, como a teoria queer, por exemplo?

Eu não acompanho o debate muito de perto. Em 2009 fui dar aula como professora visitante na Califórnia – na UCLA, em Los Angeles, e também passei umas duas temporadas em Berkeley – e lá existe muita gente trabalhando com isso. Acho que existem trabalhos interessantes, mas não é a perspectiva pela qual eu vejo a literatura erótica. Eu realmente não vejo pela perspectiva do gênero. A maior parte desses trabalhos segue uma vertente mais sociológica e política, porque há algo ali que está pensando uma igualdade ou uma

desigualdade do gênero. É um tipo de leitura diferente da que eu faço. Quando eu falo erótica, não é a erótica masculina, nem feminina, o que não implica que, dentro de um universo, um livro, um autor, eu possa pensar essas especificidades, mas elas não estão na minha cabeça antes do livro. E a própria definição que eu dou do erotismo literário como modo de pensar, não creio que seja um modo de pensar masculino nem feminino. Eu acho que é um modo de pensar a partir do sexo. Essas fronteiras entre os gêneros na literatura são também muito difíceis de delimitar, porque você pode achar que um texto tem muitas características masculinas e ele foi escrito por uma mulher ou vice-versa. Há um espaço de opacidade, embora, obviamente, o texto carregue alguma coisa da experiência de quem o escreveu. Pode-se ler um poema homoerótico e ele não é um atestado de que o autor é homossexual. Pode não ser. Pode ser um hétero, pode ser um trans, pode ser uma freirinha, da sua cela, que escreveu aquilo a partir de uma fantasia. É claro que há vestígios da experiência de alguém ali no texto, mas eles não são reflexos diretos. No caso do Mário de Andrade, por exemplo, que eu venho estudando, há muitos poemas que carregam a experiência dele, a experiência gay dele. Mas não é tudo. Não trabalho com essa perspectiva. Eu trabalho com a imaginação erótica.

9) Você acha que o fato de você ter saído de uma questão de gênero e hoje se dedicar à abordagem da prostituta na literatura seria uma metáfora desse processo? Sair de uma categoria sociológica rumo à figuração artística?

Eu acho que a prostituta é um grande tema sociológico. É um grande tema para as Ciências Sociais. E aliás, hoje os textos sobre as prostitutas são encontrados nas Ciências Sociais e na História. Existem trabalhos excelentes aqui no Brasil. Quando eu comecei a me interessar pelo

assunto, eu fiquei surpresa de ver como a História estava avançada no estudo da prostituta em diversas épocas, em diversos momentos, e a Sociologia e a Antropologia também, enquanto na Literatura não se tinha quase nada. Muitos livros que eu fui ler, inclusive, descobri que existiam através dos historiadores. Então eu pensei que queria trabalhar com a imaginação sobre a prostituta, o que é diferente do que o sociólogo, o antropólogo ou o historiador fazem. Os três estão interessados na prática da prostituição, como ela se transformou durante os tempos etc. Eu queria pensar como essa mulher é fantasiada e fabulada. Isso é um trabalho imenso. Por exemplo, o manguê, que está em todos os nossos poemas modernistas. A minha pesquisa agora, recente, é só sobre a prostituta do manguê. O manguê do Recife, o manguê de São Paulo, o manguê do Rio de Janeiro, que existe até hoje como Zona. Existem trabalhos históricos incríveis, mas não há quase nada em crítica literária. Então essa figura saiu, para mim, das Ciências Sociais e da História e hoje a trabalho como figura fabular. É um tema genial, eu adoro.

10) O que você pensa sobre esse silenciamento na crítica literária do imaginário da prostituta? Por que não se faz crítica literária sobre essa figura, até hoje?

Eu não sei bem, não vejo uma razão específica. Talvez haja aí uma motivação moral. Será? Ou outras urgências, linhas de pesquisa que continuam trabalhando com um mesmo objeto. Há trabalhos incríveis e, de repente, algo fica de fora. Na literatura brasileira ainda há muita coisa por se fazer. Há muita coisa da erótica que ainda não foi compilada. Para organizar a *Antologia da poesia erótica brasileira* eu fiz uma grande pesquisa, levantei mais de mil poemas eróticos. Foi um primeiro levantamento. Eu não vou trabalhar mais com isso agora, vou deixar à disposição de quem quiser. Realmente, aqui no Brasil tem tanta coisa para fazer ainda... O

trabalho do Mário de Andrade, que deixou inúmeras notas, por exemplo, está em curso no Instituto de Estudos Brasileiros [IEB USP]. Assim como há as bibliotecas de outros autores importantes.

11) Quanto à relação entre os estudos sobre erotismo e o mundo do trabalho, há a impressão de que trabalhos como o de Marcuse, que mescla Sociologia e Psicanálise, não têm uma recepção grande na atualidade. Por que você acha que isso ocorre?

O livro do Marcuse, *Eros e civilização*, é magnífico, mas ele também tem algo de datado – no bom sentido de datado. Eu estou falando isso porque é uma leitura da minha geração. Quando o livro foi publicado, ele respondeu a vários questionamentos muito importantes. O primeiro deles foi propor uma conexão entre o mundo do trabalho e o mundo do desejo, na medida em que ele colocou Marx e Freud em pauta e estabeleceu uma conversa entre esses pensadores. A nossa geração precisava fazer essa conversa. Uma parte dela estava na luta, querendo mudar os valores, e ao mesmo tempo brigava contra a ditadura no país. Havia uma perspectiva de esquerda, toda simpatizante do socialismo, mas nós também estávamos com um pé na revolução sexual. Era um pouco aquilo que depois o Gabeira escreveu em *O que é isso companheiro?*. Essa geração, para a qual não bastava apenas ser engajada, era também a geração do feminismo. Então a gente estava querendo unir esses pensamentos, aquilo que tem de libertário em Marx e aquilo que tem de libertário em Freud. O desejo e a distribuição de renda no país, a luta contra a desigualdade e contra a repressão sexual também. O lançamento de *Eros e civilização*, nesse contexto, foi muito importante. Creio que o livro – assim como outros, como Norman O. Brown [autor de *Vida contra morte*] – precisam ser colocados em pauta novamente e reavaliados. Eu fico pensando se esse livro não pode parecer, para um jovem de

hoje, até ingênuo. Mas, para a minha geração, ele teve o papel de nos apresentar ferramentas de libertação. O que o marxismo e a psicanálise nos ofereceram senão algumas potentes ferramentas de libertação? Ou seja: eu não sei se a gente pode pensar o mundo a partir de *Eros e civilização* hoje sem antes passar por essa avaliação. Porque a sensibilidade mudou. A sexualidade mudou. Até acho que mudou para melhor, em termos de preconceitos. Mas, de outro lado, o que houve em relação ao sexo foi sua banalização nas últimas décadas, na mídia, na internet. A internet mudou o sexo. Acho que a gente ainda não tem a capacidade de fazer uma avaliação de como a internet mudou a forma de viver a sexualidade.

12) A impressão que dá é que, se o discurso ficou mais aberto, então, as pessoas falam mais sobre sexo, até dentro dessa banalização. Por outro lado, parece que as pessoas vivenciam o sexo cada vez mais de forma virtual. Talvez a gente não dimensione exatamente o que está acontecendo, mas somos uma geração na qual a virtualização aumentou muito. O sexo virtual, por exemplo, era uma coisa impensável há algumas décadas.

Era impensável. Em relação à questão do virtual, não tenho nenhum juízo de valor. Realmente não sei. Mas a banalização na internet é realmente preocupante. A banalização do sexo representa um impedimento à nossa imaginação. Apresenta-se como libertária mas na verdade é castradora. Eu acho que acontece com o sexo a mesma coisa que acontece com a comida: você tem um *fast food* e você pode ter um banquete. Um banquete gastronômico é sempre melhor do que uma comida *fast food*, com gordura trans. Então, o apelo sexual generalizado é um pouco cansativo, não é? Há algo do sexo que implica um segredo. Não o segredo que resulta em estereótipo, mas a poética do segredo, tal como se lê nos

bons textos literários. Há segredo até em Sade – e como! Mesmo ali onde se lê tudo, em um autor que supostamente esteja mostrando tudo, há algo que escapa. E a literatura sempre fala disso: do que escapa à primeira vista, ao senso comum, ao que é esperado.

13) E a respeito das suas pesquisas atuais: essa sobre a prostituição está em curso ou encerrando? Tem algo em vista? Um próximo passo?

Primeiro eu realizei uma pesquisa, durante alguns anos, que se chamou “Figurações da prostituta no modernismo brasileiro”. Agora estou voltada por completo ao mangue, significativamente um lugar pantanoso. Então me parece pantanoso nos dois sentidos: é um lugar que não tem limites claros. É lama. E, ao mesmo tempo, sai da lama às vezes essa flor branca, que se chama “flor do lodo”, que, por sinal, é uma imagem que por vezes se encontra na literatura para nomear a prostituta. É uma flor do mal, se a gente quiser fazer uma conexão com o próprio Baudelaire, com *As flores do mal*. O mangue é onipresente nos nossos modernistas, aparecendo em poemas de Bandeira, Vinícius, Drummond, Mário e Oswald. Na prosa, também ele aparece em diversos autores. O mangue me propõe um desafio, imenso, que é o de pensar o que une o baixo social com o baixo corporal. A questão que me interessa hoje é esta: pensar as relações entre o baixo social e o baixo corporal. Na medida em que eu não faço um tipo de trabalho que sociologiza a literatura, eu terei que encontrar outro caminho. Passarei ainda acho que uns três anos trabalhando com isso. Eu espero no final desse percurso poder produzir um livro. Como projetos futuros, penso em publicar um livro sobre o excesso na literatura brasileira do século XX. A rigor, um livro que começa com Machado de Assis e passa por Mário de Andrade, Flávio de Carvalho, Nelson Rodrigues, Roberto Piva, Hilda Hilst, Valêncio Xavier, Dalton Trevisan. Sobre esses autores eu já escrevi

e gostaria de incluir outros que trabalharam na perspectiva do excesso. E paralelamente eu tenho a pesquisa da prostituta e, em especial, do mangue, que seria para fechar mais para frente. A prostituta está em estado de enigma para mim! Eu estou abordando o mistério dessa figura, dessa imaginação sobre a figura da prostituta, das palavras que estão em torno dela, do fascínio que os nossos autores da primeira metade do século (mas também até da segunda) têm em torno dela. É realmente apaixonante!

14) Por fim, você falou da falta de pesquisas e das possibilidades de pesquisa em literatura brasileira. Você pensa em alguns temas? “Isso aqui é uma coisa que eu não vou fazer, mas seria legal se alguém fizesse”?

Puxa, inúmeros! Por exemplo, eu acho que na antologia eu fiz um levantamento que está longe de ser definitivo. Há uma enormidade de questões que podem ser pesquisadas dentro daquilo que se pode chamar de “a erótica brasileira do século XIX”. Inclusive só trabalhei com poesia, tem toda a prosa. Eu vou falar um pouco da poesia porque eu acabei de trabalhar com isso. Todos os nossos poetas importantes escreveram poemas eróticos: alguns, mais alusivos, outros, mais abusivos; alguns, mais bem comportados, outros, menos. Mas está faltando fazer um balanço crítico. O período do final do século XIX e a virada do século XX tem uma enormidade de textos. No XIX, há Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Raimundo Correia, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Bernardo Guimarães, enfim, quase todos os românticos. Existe um repertório imenso. Há os simbolistas também: Cruz e Sousa; os parnasianos: Olavo Bilac, Guimarães Passos. Então, tem muita coisa e muita coisa boa para ser estudada. Muita mesmo. Muita, muita.